

## GRAMPO RESENHAS #3

\_\_ fevereiro de 2016

*De todas as únicas maneiras**Outro (& outras)**A Invenção do amor*, de Jorge Viveiros de Castro

[Rio de Janeiro: 7Letras, 2013]

## DE TODAS AS INFINITAS MANEIRAS

*por Diego Vinhas*

Em *Quelque Choise: Noir* (aqui lançado, já há algum tempo, em bela edição da coleção Signos, da editora Perspectiva, sob o título *Algo: Preto*), o poeta francês Jacques Roubaud parece percorrer, ao longo do livro, um embate com a perda, como se os poemas fossem conversas com uma ausência, uma forma de tatear, apenas. Não exatamente uma tentativa de reproduzir o indizível (como em Beckett), mas simplesmente de ter consigo as sombras, feito uma companhia real – neste sentido, uma *presença*, mas uma presença em negativo. Não se trata, com certeza, de um tema novo à literatura. Mas adotar este tom gris, e ao mesmo tempo conjugá-lo a um dado de leveza, exige um equilíbrio difícil, cujo mérito se revela na contenção; de certa forma, a escrita de Jorge Viveiros de Castro repousa justo aí, neste lugar do *entre*. O autor é bastante conhecido por capitanear a 7Letras, editora carioca fundamental para a circulação da poesia brasileira contemporânea a partir da segunda metade da década de 1990, e que, desde então, vem diversificando seu catálogo e se reinventando. Talvez exatamente por se eclipsar na *persona* do editor, sua obra vem sendo revelada de forma discre-

ta, como, é bem provável, ele mesmo prefira. Todavia, o lançamento, praticamente simultâneo, de novas edições de livros anteriores, e mais o inédito *A Invenção do Amor*, convida a um olhar mais detido sobre sua forma, a um só tempo densa e delicada, de narrar.

A primeira investida, *De Todas as Únicas Maneiras*, remonta ao ano de 1993, e consiste em uma coleção de histórias breves, compostas por “cenas, sonhos, fragmentos, repetições”. Aqui, a busca é por “ela”, essa personagem diáfana, sem rosto, o que equivale também a lhe emprestar todos os rostos possíveis. O enredo e o próprio tempo vão se desmanchando, dentro de um instante fluido, não cronológico, um *kairós* que se estica ou contrai (“o dia remoto de hoje”, “ela está à minha espera na escada, tantos anos atrás”) ao sabor da ânsia daquele que a procura, mas se move sem qualquer certeza, confessando não saber “quantas vidas, quantas mortes ela tem”. Os lugares percorridos participam deste monólogo interno, com a sua *escrita muda*, que, segundo Jacques Rancière, consiste na *palavra que as coisas carregam elas mesmas, a potência de significação inscrita*

*em seus corpos.* Claro, é sempre o amor ali, presente dentro das trincheiras das vitrines, do metrô, das nuvens instáveis, das mentiras. O amor já meio cansado, mas que teima, e se revela em dúvida e beleza (“para onde vão seus olhos quando tiram férias?...”)

*Outro (e outras)* traz, em grande parte, textos que integraram uma versão anterior do primeiro livro (que então se chamava *De Todas as Únicas Maneiras (& Outras)*, aqui acrescido de outras curtas narrativas, até então inéditas. Logo, é e não é um livro novo. Aliás, esta própria maneira de “desorganizar” os seus trabalhos, contaminando-os reciprocamente e como que “remixando-os” a cada edição, diz um pouco sobre a postura do autor, que parece prezar pelo gesto inacabado, e pelos sentidos que podem daí fecundar: “Ou as mentiras que a gente escuta. Ou as verdades que se escondem. Ou as que se contam. Ou é melhor assim. Ou é assim mesmo”. De novo, o jogo de extravios se espalha pelos textos, com personagens que seguem inominados, e o mesmo esgarçar do tempo que “acabou mas continua”, do mundo que “ficou lá fora, o mundo aqui dentro”. A fragmentariedade não se esgota na brevidade dos contos, mas resvala na indefinição da identidade daquele que continua buscando, tateando, ainda quando a lucidez faz as vezes de uma máscara, um simples truque utilizado pelo narrador (“louco de tão sóbrio”) para não desligar por completo do mundo (“visto meu nome pra sair do quarto.”)

Finalmente, *A Invenção do Amor* mostra-se, não parece exagero afirmar, o projeto mais ambicioso, até agora, da fala reservada de Jorge. Enquanto, nas palavras do próprio autor, seu primeiro livro compunha um “quase-romance”, penso que este novo se apresenta como uma espécie de “romance desmontável”, em

que existe, *a priori*, uma história sequenciada, mas logo vazada de digressões e minitramas paralelas, além de totalmente quebrada em capítulos curtíssimos, peças que funcionam muitas vezes sozinhas, como poemas em prosa. O que soa inicialmente como típico romance policial, inclusive com a presença de signos bem previsíveis, em especial a indefectível figura do “detetive”, acaba por servir mais como uma sutil *armadilha* do escritor.

De fato, estão lá os componentes do roteiro: um homem que cria uma personagem, Joana, para conseguir a amizade, ainda que virtual, da mulher que importa, Laura. Contudo, os riscos de que o embuste seja descoberto levam-no a “matar” sua invenção, que, valendo de uma desculpa qualquer, some sem deixar rastros. Incomodada com o repentino silêncio da “amiga”, Laura contrata um profissional para investigar o caso. Sem necessariamente uma relação direta com esse cenário, descortinam-se várias outras nuances do protagonista, tais como a morte do pai e o conseqüente fardo do nome paterno, que se vê obrigado a carregar durante a fase mais crítica da doença degenerativa que acomete a mãe. Ao mesmo tempo, de um passado que emerge em espasmos, aparece um segundo detetive, que, muito antes, fora requisitado para reportar as infidelidades do marido daquela que agora, debilitada, sequer reconhece o filho. Como chaves do mistério, o até então desconhecido esboço manuscrito de um livro de autoria do falecido, acompanhado de uma fotografia em que aparece uma moça de costas, e uma dedicatória suspeita.

O cenário está armado, mas a história se esquivava, escorrega pelas mãos, e o sentimento de incompletude, onipresente, é um personagem à parte. E sim, no fim há respostas também, só que a graça vem mesmo da dança de elipses, da costura engenhosa do conjunto, onde há espaço para imagens oní-

ricas e lúdicas – invenções singulares como a “máquina de esquecer” e a “máquina de não escrever”, um sonho em que as principais peças teatrais da temporada sejam simultaneamente encenadas sobre um único palco, dentre outras –, mas sempre sob a sombra de uma tristeza serena, que serve quase de companhia. Não sei se apropriado, mas a leitura me remete a um álbum de Lou Reed, *Magic and Loss*, que, embora não seja dos mais destacados da carreira daquele artista, traz em si, emblemática, a dualidade de *mágica e perda* que pode servir, talvez, para enfeixar a produção de Jorge Viveiros de Castro. Um espanto permanente diante da imanência das coisas, sintetizado quando, sob uma falsa redundância, diz, bonito e simples: “a vida é de verdade.” Obviamente expressar as sutilezas de um percurso íntimo e também eterno, já que todos de algum modo o partilhamos, exige infinitas maneiras, todas únicas, nenhuma o bastante. Mas Jorge, sem alarde, aceita a provocação para, com sua mão precisa, falar, ao longo destes livros e, provável, de outros por vir, sobre este algo complexo que, “como o som daquelas músicas em preto e branco”, na falta de uma melhor palavra (quicá ainda a ser inventada), costumamos chamar de amor.